

A VIAGEM DE LÉVI-STRAUSS AOS TRÓPICOS

*Silviano Santiago**

RESUMO

O ódio à viagem e aos exploradores, confessado por Claude Lévi-Strauss desde a abertura de *Tristes trópicos*, fundamenta a ambivalência do conceito de etnocentrismo na sua teoria etnográfica. Pureza e distância original entre culturas diferentes delimitam o campo da análise feita pelo autor. No entanto, graças a um golpe do acaso, como ele também confessa, sua viagem se realiza. A presença intelectual de Lévi-Strauss na formação da USP, na década de 30, fundamenta uma fase outra da discussão sobre o transplante das idéias progressistas europeias para os trópicos, cujo rebento mais recente é a polêmica entre Maria Sylvia de Carvalho Franco e Roberto Schwarz sobre as idéias “fora do lugar”.

Toda etnografia tem uma parte que é filosofia, e grande parte do resto é confissão. (Clifford Geertz, *The interpretation of cultures*)

Durante o desenrolar dos primeiros capítulos de *Tristes trópicos*, Claude Lévi-Strauss faz questão de esclarecer ao leitor que a sua viagem ao Brasil e, posteriormente, o seu contato com os índios do país, foram ambos produtos do acaso.¹ Esse mesmo golpe do acaso acabou por transformar num extraordinário etnógrafo o estudante universitário com formação multifacetada em ciências humanas. No próprio cadinho humano em que, na juventude estudantil, se entre-

* Ensaísta e escritor.

¹ A figura do *acaso* como modelo gerador da descontinuidade no processo de evolução é constante nos textos de Lévi-Strauss. Leia-se, por exemplo, a tese sobre o nascimento da linguagem fonética na “Introdução à obra de Mauss”: “Quaisquer que tenham sido o momento e as circunstâncias da sua aparição na escala da vida animal, a linguagem só pode ter nascido de repente. As coisas não podem ter começado a significar progressivamente”. Sobre o “tema do acaso” ver também Derrida, 1971, p. 247-248; 1973, p. 176.

cruzaram tão diferentes disciplinas e tantas carreiras liberais em potencial (filosofia, direito, psicanálise, geologia e economia política) é que, inesperadamente, sobressai, se delinea e se diferencia a originalidade de um pensamento e olhar interdisciplinares e, profissionalmente, etnográficos, como ele minuciosamente nos relata no capítulo VI do livro, “Como se faz um etnógrafo”.

“O capricho um pouco perverso de Georges Dumas”² – somado a circunstâncias mundanas do meio universitário francês, na época privilegiado fomentador de cultura junto à elite dos países da América Latina, – levou Lévi-Strauss, então jovem professor num liceu da província, a participar da cosmopolita missão universitária francesa, cujo fim era o de desprovincializar a fundação e implantação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, da Universidade de São Paulo. Na época duas escolas de nível superior nasciam e conviviam na cidade de São Paulo. A Escola Livre de Sociologia e Política, criada em 1933 sob os auspícios de um grupo de empresários, professores e jornalistas, e, no contexto da Universidade de São Paulo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, criada em 1934, durante o governo estadual de Armando de Sales Oliveira e com o apoio do grupo Mesquita (jornal *O Estado de S. Paulo*).

Lévi-Strauss esclarece: “Minha carreira decidiu-se num domingo do outono de 1934, às nove horas da manhã, com um telefonema. [...] ‘Você continua com vontade de fazer etnografia?’ ‘Sem dúvida!’ ‘Então, apresente sua candidatura para professor de sociologia da Universidade de São Paulo. Os arredores [*faubourgs*] estão repletos de índios, a quem você dedicará os seus fins de semana” (p. 45).

A viagem transatlântica, proposta pelo telefonema do porta-voz do professor Georges Dumas, não chegava a desenhar as futuras e sucessivas viagens domésticas do etnógrafo francês pela selva brasileira. Estas serão também produto do acaso. Talvez produto de um outro e duplo capricho perverso, de que Lévi-Strauss não se deu conta ao receber o convite para a longa viagem. Na Europa, até os letrados continuavam a ter uma visão distorcida da situação demográfica nas antigas colônias americanas e, no Brasil, os índios não eram mais suburbanos, algumas poucas tribos se encontravam em distantes áreas inexploradas.

Uma “etnografia de domingo” (p. 103) pelos arrabaldes da cidade de São Paulo, arremedo da que lhe fora “falsamente prometida” pelo porta-voz de George Dumas, servirá apenas para que o cientista mapeie os novos colonos, ali fixados pouco antes ou depois da Abolição da Escravidão. Em nada semelhantes aos antigos colonizadores-marinheiros, esses tardios colonizadores do país provinham, na maioria dos casos, das camadas mais miseráveis da população rural europeia e tinham sido aliados do processo civilizatório ocidental pela industrialização. Viajaram ao Brasil

² *Tristes trópicos*. 1999, p. 27. Entre parênteses virá o número da página correspondente à citação.

para *fazer a América*. E a estavam *fazendo*. São ambiciosos marinheiros de primeira viagem. Não tinham o navio como casa. Nem o mar como mistério a ser desvendado e conquistado. Tinham a nova e distante terra como fim em si, isto é, como lugar de residência e trabalho, como promessa de enriquecimento rápido. Uma outra pátria, mais pródiga.

Pela cidade de São Paulo, Lévi-Strauss encontra o inesperado. Dominam sírios e italianos. Numa população maltrapilha, percebe cabelos louros e olhos azuis, que traem origem germânica. Avista muitos japoneses, estes sim, habitantes dos arredores e agricultores. São os filhos de todos eles (e não os filhos dos latifundiários, isto é, dos “grã-finos”) que o professor encontrará na sala de aula, subvertendo os desígnios iniciais dos mecenas paulistas e do próprio Georges Dumas. Com o tempo, uma velha elite de origem portuguesa – “quatrocentona”, como vinte anos depois foi apelidada pelos próprios paulistas, – seria substituída por uma “nova elite” (p. 19), produto esta da imigração, do trabalho livre e da educação universitária.

Já no subúrbio popular, em lugar dos índios autóctones, o etnógrafo encontra mais outros viajantes, os descendentes dos escravos negros. Como observador atento, o etnógrafo tem de corrigir a sua nomenclatura racial, por demais “africanizada”. Ao contrário dos seus professores e colegas de geração, ainda excitados com o êxito da missão cultural Dakar-Djibouti (1931-1933), Lévi-Strauss não está diante de negros autênticos.³ Deve ter-se perguntado se teria sentido valer-se do termo *negro* nesta parte do planeta, onde os índios não moravam mais nos arrabaldes e onde havia uma “grande diversidade racial”, que permitiu misturas de toda espécie. Para sair da pergunta sem dar uma resposta profissional conveniente, o etnógrafo recorre às distinções brasileiras tradicionais: em São Paulo, há “mestiços”, cruzados de branco e negro, “caboclos”, de branco e índio, e “cafuzos”, de índio e negro (p. 104). Vê-se logo que não se trata de questão do seu agrado, já que não aprofunda os comentários.

Lévi-Strauss é sensível às peças que a passagem do tempo em regiões diversas do planeta prega no observador. Com o apoio de uma visão paradigmática⁴ de

³ V. o verbete “1933, February – Negrophilia”, escrito por James Clifford, in Denis Hollier, ed., *A new history of French literature*. Cambridge: Harvard University Press, 1994. Para a reveladora e sintomática *ausência* das culturas ameríndias no universo artístico francês de final da década de 1920 e princípios da seguinte, tome-se outro exemplo do mesmo autor: “Sobre o surrealismo etnográfico”, in: *A experiência etnográfica* (1998). É surpreendente o pouco peso dado, não a Alfred Métraux, discípulo de Marcel Mauss e membro do grupo do Trocadéro, mas ao seu livro clássico *La religion des tupinamba et ses rapports avec celle des autres tribus Tupi-Guarani*, cuja primeira edição data de 1928.

⁴ Estamos nos valendo de conceito definido por Roman Jakobson para configurar o significado de uma unidade lingüística. “Para Jakobson, a interpretação de qualquer unidade lingüística coloca em ação, a cada instante, dois mecanismos intelectuais independentes: comparação com as unidades semelhantes (= que poderiam, portanto, substituí-la, que pertencem ao mesmo paradigma), estabelecimento da relação com as unidades coexistentes (= que pertencem ao mesmo sintagma). Assim, o sentido de uma palavra é determinado, simultaneamente, pela influência das que a rodeiam no discurso, e pela evocação das que teriam podido tomar o seu lugar” (Ducrot & Todorov, 1973, p. 140).

história universal, cujo respaldo teórico se encontra na lingüística como fundamento dos estudos etnográficos, é que interpreta cada cultura particular construída ou implantada neste ou naquele espaço. Os efeitos de contraste entre a cultura do Velho e a do Novo Mundo, e outros efeitos semelhantes – acronológicos por natureza e definição na análise do etnógrafo –, recebem um fundamental tratamento disciplinar e, constantemente, multidisciplinar, em que as partes em confronto são colocadas lado a lado, analisadas, comparadas e interpretadas por olhos experientes. O etnógrafo é, em grande parte, geólogo e, ainda, *doublé* de poeta⁵ e alquimista, já que sensível a “correspondências” inusitadas entre séculos e lugares: “Sinto-me banhado numa inteligibilidade mais densa, em cujo seio os séculos e os lugares se respondem e falam linguagens afinal reconciliadas” (p. 54).⁶ Como conseqüência das viagens transatlânticas dos seus habitantes, por duas vezes a Europa tinha se duplicado nos trópicos. A primeira vez graças à colonização ibérica. A segunda graças aos diversos grupos de imigrantes do hemisfério norte que, a partir do século XIX, por aqui aportaram e se solidarizaram com o projeto de nação então em vigência. Por duas vezes o viço e o vigor originários, isto é, indígenas, tinham sido vilipendiados; por duas vezes o viço e o vigor originários, isto é, europeus, não chegaram à plenitude. Diante dos dois extravios complementares, dos dois processos paralelos de descontinuidade causados e fomentados pela viagem transcontinental, irrompe o sorriso no texto: “Um espírito malicioso definiu a América como uma terra que passou da barbárie à decadência sem conhecer a civilização” (p. 91). Eis a frase de que se valeu o professor visitante para abrir o capítulo intitulado “São Paulo”.

No entanto, como no caso referido da miscigenação nos trópicos, Lévi-Strauss é obrigado a corrigir ligeiramente a crítica etnocêntrica contida na fórmula recebida. Revê e atualiza a opinião maliciosa: as cidades do Novo Mundo “vão do viço à decrepitude sem parar na idade avançada [*ancienneté*]” (p. 91). A América não desconhece a cultura européia de que é produto; desconhece os valores estáveis e fortes da idade madura e é por isso que as suas principais cidades são, contraditoriamente, adolescentes decrépitas. Uma jovem e cândida estudante brasileira tinha feito, às avessas, a viagem do professor europeu. Chocada com a imagem de Paris que vislumbra pela primeira vez, corre de volta para os braços do mestre. Aos prantos, lhe diz que Paris lhe parecera “suja, com seus prédios enegrecidos”. A jovem estudante conclamava a favor da limpeza dos prédios históricos da cidade luz. A

⁵ Esta observação de Paz é e será bastante pertinente para a nossa argumentação: “O poeta, diz o centauro Quirón a Fausto, *não está preso ao tempo: fora do tempo Aquiles encontrou Helena*. Fora do tempo? Melhor dito, no tempo original...” [grifos do autor]. Id., *ibid.*, p. 57.

⁶ Apesar de o poeta referir-se à “natureza” e não à cultura, não nos parece despropositada a citação desta estrofe de “Correspondências”, poema de Charles Baudelaire: “Como ecos lentos que à distância se matizam/ Numa vertiginosa e lúgubre unidade./ Tão vasta quanto a noite e quanto a claridade./ Os sons, as cores e os perfumes se harmonizam” (Trad. de Ivan Junqueira).

pátina não sensibilizara a retina de quem estava acostumada a passar, antes da metade de uma vida transcorrida, do frescor à decrepitude. Conclui Lévi-Strauss: “A brancura e a limpeza eram os únicos critérios à disposição [da estudante] para apreciar uma cidade” (p. 91). Trata-se de uma visão horizontal e ingênua do cenário citadino parisiense, pondera Lévi-Strauss.

Diante de São Paulo em 1935, ou diante de Nova Iorque e Chicago em 1941, o espanto de Lévi-Strauss não era causado pela *novidade* que estava à sua frente. Diante de cenário urbano nunca entrevisto, como uma sonda prospectiva, seu olhar verticaliza-se, aprofundando. O espanto do etnógrafo advém antes da “precoceidade dos estragos do tempo” (p. 92) nas obras do homem americano. Não se surpreende ele por faltarem dez séculos de vida às cidades que visita; surpreende-se ao constatar que alguns quarteirões inteiros, em péssimo estado de conservação, tenham apenas cinquenta anos. Aos americanos falta fôlego para deixar as suas construções enfrentarem impávidas anos, décadas, séculos. As metrópoles americanas adoecem precocemente. O etnógrafo francês avança o antigo confronto de raiz colonial: “Certas cidades da Europa adormecem suavemente na morte; as do Novo Mundo vivem febrilmente uma doença crônica; eternamente jovens, jamais são saudáveis, porém” (p. 92).

Esse detalhe puramente cartográfico, transportado para a análise do grupo humano que acolhe o etnógrafo em São Paulo, está por detrás de outra surpresa dele. Em São Paulo, a cultura passava ao largo das disputas propriamente intelectuais. O professor oriundo do sistema de “baccalauréat” e de “agrégation” percebia que, nos trópicos brasileiros, a cultura era “um brinquedo para os ricos” (p. 96). Entre os indivíduos que compunham a sociedade letrada paulista não havia verdadeira preocupação em “aprofundar o campo do conhecimento” (p. 95), que estava na origem de suas vocações. A competição entre brasileiros com a mesma formação, que disputavam um cargo na comunidade letrada, não se resolvia pela competência, ou seja, pela avaliação e subsequente julgamento por terceiros da qualidade do saber dos pares em contenda. A preocupação de cada um deles era a de “destruírem-se mutuamente” e, para isso, “demonstravam uma persistência e uma ferocidade admiráveis”.⁷ A profundidade no conhecimento não era requisito para a legitimação profissional do cidadão. O mais importante requisito para a vitória era o insaciável apetite enciclopédico demonstrado.

Nos trópicos, a curiosidade intelectual dos cidadãos cultos “devorava os manuais e as obras de vulgarização” (p. 96). Era preciso repensar urgentemente a razão pela qual o prestígio francês era inigualado no Novo Mundo. Os professores

⁷ Para um estudo sobre as relações entre o intelectual e o Estado, naquela década, v. o terceiro capítulo do livro de Sérgio Miceli *Intelectuais e classe dirigente no Brasil* (1979).

franceses – reflete Lévi-Strauss – tanto mais úteis seriam na América do Sul quanto mais tivessem o talento que alguns cientistas e autores conterrâneos dele ainda tinham, que era o de “tornar acessíveis problemas difíceis que eles haviam ajudado modestamente a solucionar” (p. 96). O historiador norte-americano Richard Graham, em **Grã-Bretanha e o início da modernização no Brasil (1850-1914)**, não encontra outras razões para explicar o sucesso das idéias de Herbert Spencer entre os liberais brasileiros durante o período em que o país debateu a permanência do regime monárquico e a opção pelo republicano. O consumo ilimitado das idéias de Spencer pela elite política brasileira – tão ilimitado quanto o consumo do ideário positivista de Auguste Comte pelos militares – pode ser em parte esclarecido pela “habilidade [do inglês] em sintetizar todo o conhecimento [...]. Essa habilidade em sistematizar tão grande número de dados e apresentá-los em linguagem acessível, sem uso de termos técnicos, exercia atração sobre aqueles que necessitavam de outra **Suma Teológica** para a nova compreensão exigida pelo mundo moderno”. Para o historiador *brazilianista*, inspirado pelas teorias de aculturação propostas desde a década de 1930 pelos antropólogos conterrâneos dele, os partidários da modernização no Brasil recorriam a Spencer porque “necessitavam urgente e desesperadamente de novos argumentos intelectuais para reforçar suas posições”.⁸

A partir da década de 1970, voltou à tona, pelo viés do debate marxista, a questão do papel e do valor das idéias estrangeiras no processo de formação da cultura brasileira. O pano de fundo é o da universidade que Lévi-Strauss e outros professores europeus ajudaram a criar. Por detrás da USP, as análises historiográficas de Caio Prado Jr., autor do clássico **Formação do Brasil contemporâneo (1942)**. Por motivo de segurança na exposição, evitemos o comentário e passemos a palavra aos dois principais debatedores. A historiadora Maria Sylvania de Carvalho Franco, autora de **Homens livres na ordem escravocrata**, julgou “a noção de influxo externo” – tomada por Roberto Schwarz a Machado de Assis⁹ e fundamental na teoria das idéias fora do lugar, desenvolvida pelo crítico literário – como “superficial e idealista”. Segundo ela, “idéias não viajam [sic], a não ser na cabeça de quem acredita no difusionismo”; idéias “se produzem socialmente”. Arremata: a oposição entre metrópole e colônia “traz implícito o pressuposto de uma diferença *essencial* [grifo da autora] entre nações metropolitanas, sede do capitalismo, núcleo hegemônico do sistema, e os povos coloniais, subdesenvolvidos, periféricos e dependentes”. A tese defendida pela historiadora é clara: “colônia e metrópole não recobrem modos de produção

⁸ V. o capítulo 9, “Spencer e o progresso”. São Paulo: Brasiliense, 1973, respectivamente, p. 249 e 241.

⁹ Em 1879, comentando a produção dos novos, Machado escreve: “A atual geração, quaisquer que sejam os seus talentos, não pode esquivar-se às condições do meio; afirmar-se-á pela inspiração pessoal, pela caracterização do produto, *mas o influxo externo é que determina a direção do movimento; não há por ora no nosso ambiente a força necessária à invenção de doutrinas novas*” (1973, v. III, p. 813; grifos nossos).

essencialmente diferentes, mas são situações particulares que se determinam no processo *interno* de diferenciação do sistema capitalista mundial”.¹⁰

Roberto Schwarz rebate a virulência do ataque sofrido, valendo-se de raciocínio onde substitui, sem o mencionar, o conceito de difusionismo cultural pelo de aculturação. Na substituição dos conceitos pode-se possivelmente detectar a lição de um outro professor francês, Roger Bastide. Retruca ele:

*São problemas para encarar sem preconceito: em certo plano, é claro que o desajuste é uma inferioridade, e que a relativa organicidade da cultura europeia é um ideal. Mas não impede noutro plano que as formas culturais de que nos apropriamos de maneira mais ou menos inadequadas possam ser negativas também em seu terreno de origem, e também que sendo negativas lá, sejam positivas aqui, na sua forma desajustada. Assim, não tem dúvida que as ideologias são produzidas socialmente, o que não as impede de viajar [sic] e de serem encampadas em contextos que têm muito ou pouco a ver com a sua matriz original.*¹¹

O amor da América Latina pela França, concluía Lévi-Strauss nos **Tristes trópicos**, dependia de uma “convivência secreta”. Esta era fundada menos no desejo de produzir e mais no de consumir, ou seja, na propensão para consumir idéias alheias e para facilitar o consumo das idéias alheias pelos povos colonizados pela Europa.¹²

Nos **Tristes trópicos**, o contraste entre professor francês e aluno paulista se dá na clave já proposta pelo confronto entre a cidade europeia e a americana. O primeiro tem o sentido do passado, principal característica da sua maturidade intelectual; é o guardião da tradição. O segundo se pavoneia com as novíssimas teorias, que acabam sendo paralisadas, congeladas, ou conspurcadas pela ignorância; é o pavão do porto. O inexperiente universitário paulista quer tudo saber, mas só lhe interessa reter para si, qual um proprietário, a teoria mais recente. Para ele, observa Lévi-Strauss, idéias e doutrinas não oferecem um valor intrínseco, consideram-nas antes como instrumento de prestígio social: “Partilhar uma teoria conhecida com outros equivalia a usar um vestido¹³ já visto” (p. 98). O contraste entre profissionais

¹⁰ “As idéias estão no lugar”. In: **Cadernos de debate**. 1976, n. 1, p. 61-62.

¹¹ **O pai de família e outros ensaios**. 1978, p. 116-117.

¹² Leitura bem semelhante do perfil intelectual do brasileiro foi feita, na época, por Sérgio Buarque de Holanda, no clássico **Raízes do Brasil** (1936). Em especial no capítulo “Novos tempos”. Aos dois se pode contrapor a atitude de Oswald de Andrade, expressa nos dois manifestos de vanguarda publicados na década de 1920, em particular no “Antropófago” (v. ainda nota 4, Alfred Métraux): “Só me interessa o que não é meu”. Ainda na mesma década, uma terceira via, a favor da invenção nos trópicos e contra o pessimismo letrado e erudito importado da Europa, se encontra nas teorias sobre primitivismo estético, desenvolvidas em particular por Mário de Andrade na sua correspondência com outros escritores contemporâneos. Pondera ele: “se primitivismo não se opõe à cultura pode se opor a uma determinada cultura [a europeia]”.

¹³ Poder-se-ia ver o dedo de Georges Dumas na rede metafórica de que se vale Lévi-Strauss para descrever aspectos do Novo Mundo? Nela predomina o pedido de empréstimo ao vocabulário da costura e da moda, como nesta citação e na própria definição dos trópicos. Veja-se esta passagem do livro: “acabávamos de ser avisados por Georges Dumas de que devíamos nos preparar para levar a vida de novos mestres: quer dizer, frequentar o Automóvel Clube, os cassinos e os hipódromos”, ou esta outra: “‘Sobretudo’, dissera-nos Dumas, ‘vocês terão de estar bem vestidos’” (p. 19).

maduros e sábios, franceses, de um lado, e diletantes novidadeiros e ignorantes, paulistas, do outro, transforma-se logo em *confronto*. Os professores, “criados para respeitar apenas as idéias maduras”, se encontravam “expostos às investidas dos estudantes de uma ignorância completa quanto ao passado mas cuja informação tinha sempre alguns meses de avanço em relação à nossa” (p. 99).

Aparentemente, a civilização americana estava à frente da européia. Aparentemente, as cidades de São Paulo, Nova Iorque e Chicago se impõem como grandiosas, já que passam uma “impressão de enormidade” (p. 74) aos olhos temerosos e tímidos do viajante europeu. Aparentemente, Paris é uma cidade suja, de prédios enegrecidos. Aparentemente, os estudantes paulistas estavam à frente dos professores europeus. Todos eles dominavam as novas teorias do conhecimento e audaciosamente as exibiam diante de mestres que, por seu turno, se vangloriavam do saber proporcionado pela maturidade intelectual.

Tristes trópicos é escrito para questionar esse jogo da aparência. Ali ensina Lévi-Strauss, valendo-se das teorias de Freud e de Marx: “[...] compreender consiste em reduzir um tipo de realidade a outro; que a realidade verdadeira nunca é a mais patente [*la plus manifeste*]; e que a natureza do verdadeiro já transparece no zelo que este emprega em se ocultar [*dérober*]” (p. 55).

A emergente e desabrida corrida civilizatória empreendida pelo Novo Mundo – sob a chibata dos colonizadores lusos e dos imigrantes – tem de ser compreendida, pois, dentro dos parâmetros estabelecidos pela fábula filosófica sobre Aquiles, a quem os gregos consideravam o mais veloz dos deuses, e a tartaruga. Aparentemente, Aquiles sairia vencedor da corrida. É o mais veloz. No entanto, caso fosse concedida uma vantagem inicial à tartaruga, Aquiles jamais conseguiria apanhá-la e muito menos vencê-la. Jorge Luis Borges, no ensaio “A perpétua corrida de Aquiles e da tartaruga”, nos dá uma clara exposição do “paradoxo glorioso”: “Aquiles, símbolo de rapidez, tem de alcançar a tartaruga, símbolo de morosidade. Aquiles corre dez vezes mais rápido do que a tartaruga e lhe dá dez metros de vantagem. Aquiles corre esses dez metros, a tartaruga corre um; Aquiles corre esse metro, a tartaruga corre um décimo; Aquiles corre esse décimo, a tartaruga corre um centímetro; Aquiles corre esse centímetro, a tartaruga um milímetro; Aquiles o milímetro, a tartaruga, um décimo de milímetro, e assim infinitamente, de modo que Aquiles pode correr para sempre sem alcançá-la”.¹⁴ Na *Física* (VI, 239a), Aristóteles comenta o famoso segundo raciocínio de Zenão sobre o movimento: “[...] o mais lento em uma corrida jamais será alcançado pelo mais rápido; pois este, o perseguidor, deverá primeiro atingir o ponto de onde partiu o fugitivo e assim o lento estará sempre mais adiantado”.¹⁵

¹⁴ “A perpétua corrida de Aquiles e da tartaruga”, in *Discussão* [1932]. 1999, v. I, p. 261-262.

¹⁵ *Os filósofos pré-socráticos*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 63.

A dicotomia que se abre no espaço da civilização ocidental por ocasião dos grandes descobrimentos marítimos, bem como outras dicotomias semelhantes que se abrirão posteriormente, todas elas podem ser compreendidas, do ponto de vista de Lévi-Strauss, como mais um dos “avatares” – para usar a palavra genealógica de Borges – do paradoxo filosófico de Zenão de Eléia. De outra perspectiva e sem fazer alusão ao paradoxo, comenta Octavio Paz: “cada passo é simultaneamente um retorno ao ponto de partida e um avanço em direção ao desconhecido. O que abandonamos ao princípio nos espera, transfigurado, ao final. Mudança e identidade são metáforas do Mesmo: repete-se e nunca é o mesmo”. Em página posterior, retoma: “O movimento não se resolve em imobilidade: é imobilidade; a imobilidade, movimento”.¹⁶

O confronto entre as partes – entre o velho e o novo, entre o original e a cópia, entre o metropolitano e o colonizado, entre o lento e o rápido, entre a idade avançada e a decrepitude – pode ser interpretado equivocadamente pelo lado sensível e o deve ser acertadamente pelo lado racional. O fim da compreensão é o de relacionar os dois lados da interpretação, estabelecendo uma hierarquia entre o sensível e o racional. Buscar uma espécie de “super-racionalismo”, que visa “a integrar o primeiro [o sensível] ao segundo [o racional] sem nada sacrificar de suas propriedades” (p. 55). Através dessa corrida paralela, dessa disputa entre o velho e o novo, em que o mais veloz concede ao mais lento uma vantagem inicial, que se traduz, no presente caso, pela *maturidade* ou pela “idade avançada”, Lévi-Strauss recoloca em circulação a questão do aparente avanço do progresso material e retoma o conceito da imobilidade do movimento. Isso o faz para reafirmar uma concepção paradoxalmente eurocêntrica de história moderna e de progresso social. O Velho Mundo é maduro e lento, e o Novo Mundo, obsoleto e veloz; o Velho é ancião, e o Novo, decrépito. O ulterior na dimensão espacial não o é *necessariamente* na dimensão temporal, embora *aparentemente* o seja.

Da perspectiva da cultura ocidental, a própria noção de *viagem*, como fonte e inspiração para o conhecimento de novas terras e nova gente, tem de ser revista e até mesmo negada, já que a fissura, a forquilha por ela instaurada no espaço planetário revela-se como o caminho a ser posteriormente seguido pelo lixo ocidental. Este está sendo constantemente jogado na cara do resto da humanidade. Leiamos **Tristes trópicos**: “O que nos mostrais em primeiro lugar, viagens, é nossa imundície [*ordure*] atirada à face da humanidade” (p. 35). No outro lado da moeda do Novo Mundo, diante não mais da sua aparente enormidade, mas da miséria dos povos colonizados pelo Ocidente, pergunta o etnógrafo francês: “[...] de que modo poderia a pretensa evasão da viagem conseguir outra coisa que não confrontar-nos com as formas

¹⁶ Id., *ibid.*, respectivamente, p. 122 e 127. Em outra passagem, Paz observa: “[...] não há povos marginais e a pluralidade de culturas é ilusória porque é uma pluralidade de metáforas que dizem o mesmo”. (p. 44)

mais miseráveis da nossa existência histórica?”. Conclui ele: “Esta grande civilização ocidental, criadora das maravilhas de que desfrutamos, certamente não conseguiu produzi-las sem contrapartida. [...] a ordem e a harmonia do Ocidente exigem a eliminação de uma massa extraordinária de subprodutos nocivos que hoje infectam a terra” (p. 35). Os trópicos, ou qualquer outro subproduto moderno do Ocidente, são necessariamente tristes. Não pela sua natureza em si, não pela cultura originária dos seus habitantes, mas pelo modo perverso como estes foram colonizados pelo Ocidente ou pelos seus capatazes históricos.

Um livro que se abre como a narrativa de viagens, das viagens extraordinárias de um etnógrafo francês por várias e distantes terras do planeta, se apresenta desde o primeiro capítulo, desde a primeira frase contraditoriamente *contra* a viagem e *contra* a experiência da aventura, de que vai se nutrir. Eis as primeiras palavras de **Tristes trópicos**: “Odeio as viagens e os exploradores. E eis que me preparo para contar minhas expedições”. Onde o orgulho e a vaidade do disciplinado e realizado profissional das ciências humanas? Contrariando as expectativas, confessa ele: “muitas vezes planejei iniciar este livro: toda vez, uma espécie de vergonha e repulsa me impediram”. Para que falar desse “aspecto negativo do nosso ofício?”. Para esse professor de liceu, sorteado pelo acaso de um telefonema matinal para fazer a grande e maravilhosa viagem transatlântica que o transformaria em etnógrafo de renome internacional, a aventura “é somente a sua servidão” e a vida perigosa no coração da floresta virgem, depois de vivida, se apresenta como “uma imitação do serviço militar” (p. 15).

Na gangorra da viagem e da subsequente colonização dos trópicos, desde que seja concedida uma vantagem inicial ao Ocidente, uma vantagem, portanto, *originária*, a tartaruga vence Aquiles. A atualidade do Novo Mundo, que parece estar à frente da atualidade do Velho Mundo, vem na verdade atrás. O presente americano vem por detrás do presente europeu, já que, ao avançarem pela pista de corrida histórica do homem sobre a terra, o mais rápido retrocede, paradoxalmente, para trás do mais lento por ter o etnógrafo concedido a esta vantagem inicial.¹⁷

No Rio de Janeiro da década de 1930, quando o etnógrafo europeu se distancia do centro da cidade e se adentra pelas ruas sossegadas, de repente, está de volta

¹⁷ Tanto a desconsideração pela realidade empírica (a redução a paradoxos teóricos das teses empíricas sobre movimento e multiplicidade, sobre o progresso material), quanto a rejeição dos postulados da fenomenologia (que jogam com a *continuidade* entre o vivido e o real) podem ser detectadas, segundo o etnógrafo, na dívida contraída por ele para com Marx. Leia-se esta passagem esclarecedora de **Tristes trópicos**: “Seguindo-se a Rousseau, e de forma que me parece decisiva, Marx ensinou que a ciência social constrói-se tão pouco no plano dos acontecimentos quanto a física a partir dos dados da sensibilidade: a meta é construir um modelo, estudar suas propriedades e suas diferentes formas de reação no laboratório, para em seguida aplicar essas observações à interpretação do que ocorre empiricamente e que pode estar muito distante das previsões” (p. 55). O filósofo Jacques Derrida é bastante crítico dos pressupostos epistemológicos do etnógrafo. Assevera em **Da gramatologia**: “Conciliar em si Rousseau, Marx e Freud é uma tarefa difícil. Conciliá-los entre si, no rigor sistemático do conceito, é possível?” (Id., *ibid.*, p. 146, v. ainda p. 148 e 162).

à sua pátria. Está em Nice ou Biarritz, mas à época de Napoleão III. Não se trata de efeito de descronologia causado pela presença exótica da vegetação luxuriante; a comparação e a subsequente avaliação surgem dos “pequenos detalhes da arquitetura e a sugestão de um tipo de vida que, mais do que ter transposto imensos espaços, convince que imperceptivelmente recuamos no tempo” (p. 82-83). Recua-se no espaço o mais jovem e mais veloz para que o mais velho e mais lento avance no tempo e ganehe a dianteira.

A reflexão de Lévi-Strauss sobre o “acaso das viagens” (p. 33) pode oferecer à razão interessantes ambigüidades que corrigem, por assim dizer, as defasagens ocasionadas pelo processo de aculturação da civilização ocidental nas várias partes do planeta. O olhar descentrado do etnógrafo e, por isso, pouco propenso aos preconceitos do etnocentrismo acaba por recair, nas suas avaliações, em cegueira tão lamentável quanto a de que quer se desvencilhar.

Comenta o viajante cosmopolita: “[...] ter visitado a minha primeira universidade *inglesa* no campus de edifícios neogóticos de Dacca, no Bengala oriental, incita-me agora a considerar Oxford como uma Índia que tivesse conseguido controlar a lama, o mofo e as exuberâncias da vegetação” (p. 33; grifo nosso). Não estaria Lévi-Strauss dizendo o mesmo do campus *francês* da Universidade de São Paulo? O campus avançado da Europa nos trópicos é um campus ganho no espaço e perdido no tempo, que, por isso, só pode ser recuperado pela verdadeira cronologia. O restabelecimento desta, por cima dos jogos da aparência espacial, passa a ser o fiel da balança no momento da paisagem da obra colonizadora feita pelos universitários ingleses ou franceses.

Diante das novas paisagens entrevistadas pelo viajante, salienta-se menos o exotismo (da vegetação, dos costumes, das vestimentas, etc.), salienta-se mais o fora de moda. “Os trópicos são menos exóticos do que obsoletos [*démodés*]” (p. 82). A substituição do exótico pelo obsoleto passa, como estamos assinalando, por um retorno ao etnocentrismo de que o etnógrafo quis, ou deve, se liberar. Essa espécie particular e ambígua de etnocentrismo, que estamos classificando de lévi-straussiana, se alimenta de uma noção fundamental de *pureza*. Por um lado, a pureza é uma espécie de *vantagem* inicial que a colônia, pelas mãos do etnógrafo, sempre concede à metrópole; por outro lado, e aí surge o dado novo de onde deriva a grande ambigüidade do problema etnocêntrico em Lévi-Strauss, a pureza é *também* o valor de que o não-ocidental não deveria ter aberto mão no processo por que passou de colonização pelo Ocidente. Cada cultura do planeta no seu canto, ciosa do que é e representa. No entanto, a viagem põe a descoberto o princípio da pluralidade cultural. Por que há tantas culturas no mundo e não uma única? Lembremo-nos da ambigüidade na discussão sobre o movimento, estabelecida por Platão no diálogo intitulado **Parmênides**. Graças à experiência da viagem, o uno se multiplica ao infinito, e por isso acaba ela

por – desculpem o aspecto subjetivo do verbo – ser odiada. Por outro lado, graças ao trabalho do etnógrafo, o múltiplo retorna à sua condição de uno, por isso acaba ele por – desculpem o aspecto subjetivo do verbo – ser enaltecido.

Dentro do costumeiro jogo entre aparência e profundidade, tão caro ao autor de **Tristes trópicos**, o pluralismo é apenas aparente. Se num primeiro movimento a etnografia aponta para a multiplicidade e a diversidade de culturas, num segundo movimento ela se retrai e passa a encurralá-las em busca de organizá-las em torno de um único princípio.

Para o julgamento ético das múltiplas culturas em litígio social, político e econômico, salienta-se de forma inequívoca a obediência a outra noção fundamental no universo de **Tristes trópicos**, a da *distância* originária entre civilizações distintas. As várias e todas as culturas do planeta, incluindo aí a Ocidental, deveriam ter-se preservado à distância, mas elas não permaneceram separadas. Elas se aproximaram, se tocaram e se comunicaram de modo íntimo. A distância entre as diversas partes do planeta deveria ter sido mantida – com perdão do jogo de palavras – a ferro e fogo. A viagem, traço de união, lugar *entre*, destruiu e destrói a distância entre os povos, corrompendo-os. Para Lévi-Strauss a viagem é o mais íntegro *a priori* para a *violência*. O contato entre culturas diferentes, por mais idealizado que seja, é contágio, transmissão, disseminação de vírus do corpo ocidental no corpo estrangeiro. E vice-versa. Portanto, a questão da *pureza* se alicerça na ambigüidade da distância. Re-emerge da problemática dos inumeráveis e infindáveis encontros entre civilizações diferentes, orienta a análise da aculturação dos valores ocidentais nas demais partes do planeta.

ABSTRACT

The hatred for travelling and explorers that Lévi-Strauss avows from the very beginning of **Tristes trópicos** confirms the ambivalence of the concept of ethnocentrism in his ethnographic theory. Pristine purity and distance between different cultures define the borderlines of the author's analysis. Entirely by chance, however, as he also admits, his trip takes place. Lévi-Strauss' intellectual presence in the conception of USP (University of São Paulo) in file 30's is file basis for a discussion about the transplantation of European advanced ideas to the tropics. Its latest offspring is the polemic between Maria Sylvia de Carvalho Franco and Roberto Schwartz around 'misplaced' ideas.

Referências bibliográficas

- ASSIS, Machado de. **Obras completas**. Rio de Janeiro: José Aguilar, 1973. v. 3.
- BORGES, Jorge Luís. **Obras completas**. São Paulo: Globo, 1999.
- CLIFFORD, James. In: HOLLIER, Denis. **A new history of French Literature**. Cambridge: Harvard University Press, 1994.
- DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- DERRIDA, Jacques. **Da gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- DUCROT, Oswald, TODOROV, Tzvetan. **Dicionário das ciências da linguagem**. Lisboa: Publ. Dom Quixote, 1973.
- FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. As idéias estão no lugar. In: **Cadernos de Debate**. São Paulo, Brasiliense, 1976, n. 1, p. 61-62.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes trópicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 1999.
- MICELI, Sérgio. **Intelectuais e classe dirigente no Brasil. (1920-1945)**. São Paulo: Difel, 1979.
- SCHWARZ, Roberto. **O pai de família e outros ensaios**. São Paulo: Paz e Terra, 1978.